

❖ O LAGO DAS SANGUESSUGAS ❖

  
CIA. DAS LETRAS

Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,

*Lemony Snicket*

Lemony Snicket

# Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



**VIOLET BAUDELAIRE** tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



**KLAUS BAUDELAIRE**, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



**SUNNY BAUDELAIRE**, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.



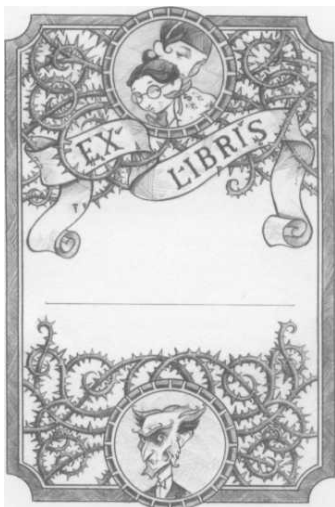
E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na

cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: [www.lemonysnicket.com](http://www.lemonysnicket.com) (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist**, nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times*.



## \* Desventuras em Série \*

- Livro primeiro *Mau começo*
- Livro segundo *A Sala dos Répteis*
- Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
- Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
- Livro quinto *Inferno no colégio interno*
- Livro sexto *O elevador ersatz*
- Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
- Livro oitavo *O hospital hostil*
- Livro nono *O espetáculo carnívoro*
- Livro décimo *O escorregador de gelo*
- Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
- Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
- Livro tredecimo *O Fim*

✧ Desventuras em Série ✧  
*LIVRO Terceiro*



O LAGO DAS SANGUESSUGAS  
*Ou, Desaparecimento!*

de LEMONY SNICKET  
Ilustrações de Brett Helquist  
Tradução de Carlos Sussekind

2000 by Lemony Snicket  
2000 Ilustrações by Brett Helquist  
Publicado mediante acordo com HarperCollins Childrens Books, divisão da HarperCollins  
Publishers, Inc.  
Título original: The wide window  
Preparação: Márcia Copola  
Revisão: Carmen S. da Costa Cláudia Cantarin

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —  
Preferiria que você estivesse viva e com saúde.



## CAPÍTULO UM

Se vocês não soubessem grande coisa sobre os órfãos Baudelaire e os vissem sentados sobre suas malas no Cais de Dâmocles, poderiam pensar que eles estavam a ponto de iniciar uma emocionante aventura. Afinal, os três haviam acabado de saltar da barca que os conduziu através do Lago Lacrimoso para irem morar com sua tia Josephine, e, na maioria dos casos, uma situação como essa levaria a acontecimentos dos mais divertidos.

Mas, é claro, vocês estariam redondamente enganados. Porque, embora Violet, Klaus e Sunny estivessem prestes a passar por experiências emocionantes e memoráveis, estas não seriam emocionantes e memoráveis tipo ter a sorte lida por alguém ou assistir a um rodeio. Sua aventura seria emocionante e memorável tipo ser perseguido por um lobisomem num campo de arbustos com espinhos venenosos à meia-noite sem ninguém por perto para vir em socorro. Se vocês se interessam por ler histórias com acontecimentos divertidos, certamente estão lendo o livro errado, porque raras vezes os Baudelaire passam por experiências divertidas ao longo de suas melancólicas e desventuradas vidas. O infortúnio deles é algo de terrível, tão terrível que eu mal tenho coragem de escrever sobre o assunto. De modo que, se vocês não querem ler uma história que é só tragédia do início ao fim, esta é sua última chance de largar este livro, porque os tormentos dos órfãos Baudelaire começam já no próximo parágrafo. “Vejam

só o que eu trouxe para vocês!”, disse o sr. Poe com um largo sorriso, estendendo um saquinho de papel. “Balas de hortelã-pimenta!” O sr. Poe era um banqueiro a quem fora confiada a gestão dos negócios dos órfãos Baudelaire depois que os pais deles morreram. O sr. Poe era um homem de bons sentimentos, mas neste mundo não basta ter bons sentimentos, especialmente quando se é responsável por manter crianças a salvo de ameaças. O sr. Poe conhecia as três crianças desde que nasceram, e nunca lembrava que elas eram alérgicas a balas de hortelã-pimenta.

“Obrigada, sr. Poe”, disse Violet, pegando o saco de papel e espiando o seu conteúdo. Como a maioria das meninas de catorze anos, Violet era muito bem-educada para mencionar que, se comesse balas de hortelã-pimenta, na mesma hora sua pele se cobriria de urticária, palavra que significa “placas vermelhas que coçam durante algumas horas”. Além do mais, ela se achava justamente num de seus momentos de concentração inventiva, o que não lhe permitia dar muita atenção ao sr. Poe. Quem conhecia Violet, sabia que quando o cabelo dela estava preso com uma fita para não atrapalhar sua visão, como agora, era sinal de que roldanas, alavancas, engrenagens e outros acessórios necessários a invenções ocupavam seus pensamentos. Naquele momento em particular, ela pensava como poderia aprimorar a barca do lago para que esta deixasse de soltar fumaça no céu cinzento.

“Muito agradecido”, disse Klaus, o órfão do meio, sorrindo para o sr. Poe e pensando que bastaria uma lambidinha numa bala de hortelã-pimenta para que sua língua inchasse e ele mal conseguisse falar. Klaus tirou os óculos e desejou que em vez daquelas balas o sr. Poe houvesse comprado para ele um livro ou um jornal. Klaus era um leitor voraz, e quando ficou sabendo de sua alergia numa festa de aniversário aos oito anos, foi logo lendo todos os livros sobre alergia da biblioteca dos pais dele. Mesmo passados quatro anos, ele ainda era capaz de recitar as fórmulas químicas que causavam o inchaço de sua língua.

“Tóí!”, gritou Sunny. A mais jovem dos Baudelaire era pouco mais que um bebê e, como muitos bebês, expressava-se com palavras difíceis de entender. Com “Tóí!” era provável que quisesse dizer: “Nunca comi balas de hortelã-pimenta porque desconfio que, como meus irmãos, eu seja alérgica a elas”; mas não dava para saber.

Também podia ser que quisesse dizer: “Bem que eu desejaria morder uma bala de hortelã-pimenta, porque gosto de morder coisas com meus quatro dentes afiados, mas não quero me arriscar a ter uma reação alérgica”.

“Vocês podem comer essas balas no táxi, durante o percurso até a casa da sra. Anwhistle”, disse o sr. Poe, tossindo no seu lenço branco. O sr. Poe parecia estar sempre resfriado, e os órfãos Baudelaire se acostumaram a receber dele informações entre acessos de tosse. “Ela pediu desculpas por não ter ido recebê-los no cais, mas disse que tem medo.”

“Mas por que ela teria medo de um cais?”, perguntou Klaus, olhando para os embarcadouros de madeira e os barcos a vela.

“Ela tem medo de tudo o que tenha ligação com o Lago Lacrimoso”, disse o sr. Poe, “mas não deu o motivo. Talvez esteja relacionado à morte do marido. Sua tia Josephine — na verdade, ela não é propriamente tia de vocês; é cunhada de sua prima em segundo grau, mas pediu que vocês a chamem de tia —, sua tia Josephine perdeu o marido recentemente, e é possível que ele tenha morrido afogado ou em consequência de um acidente de barco. Não me pareceu de bom-tom perguntar-lhe de que maneira ele morreu. Bem, vamos pô-los num táxi.”

“O que significa essa palavra que o senhor usou?”, perguntou Violet.

O sr. Poe olhou para Violet e ergueu as sobrancelhas. “Muito me surpreende, Violet”, disse, “que uma garota de sua idade ainda não saiba que um táxi é um carro que nos leva a qualquer lugar mediante o pagamento de uma tarifa. Andem, peguem as malas e vamos para junto do meio-fio.”

“Bom-tom”, Klaus disse baixinho para Violet, “é o mesmo que boas maneiras, boa educação.”

“Obrigada”, respondeu ela baixinho, segurando a mala com uma das mãos e Sunny com a outra. O sr. Poe acenava o lenço no ar para chamar um táxi, e, num instante, o taxista já havia ajeitado toda a bagagem no porta-malas e o sr. Poe já conseguira ajeitar os órfãos Baudelaire no banco de trás.

“Aqui me despeço de vocês”, disse o sr. Poe. “O expediente no banco já começou, e tenho impressão de que, se acompanhá-los até a casa da tia Josephine, não vou dar conta do meu serviço. Dêem a ela minhas recomendações e digam-lhe que mantereí contato regularmente.” O sr. Poe fez uma pausa para tossir no seu lenço antes de continuar. “Outra coisa. Sua tia está um pouco nervosa com a presença de três crianças na casa dela, mas eu lhe assegurei que vocês três são muito bem-educados. Portem-se direitinho e, como sempre, podem me telefonar ou passar um fax para mim no banco se surgir qualquer tipo de problema. Apesar de que eu imagine que nada vá dar errado desta vez.”

Quando o sr. Poe disse “desta vez”, olhou significativamente para as crianças, como se tivesse sido por culpa delas que o tio Monty havia morrido. Mas os Baudelaire estavam nervosos demais com a expectativa de conhecer sua nova tutora para pensar numa resposta ao sr. Poe que não fosse um simples “Até logo”.

“Até logo”, disse Violet, guardando o saco de balas de hortelã-pimenta no bolso.

“Até logo”, disse Klaus, lançando um último olhar para o Cais de Dâmocles.

“Frul!”, gritou Sunny, chupando a fivela do cinto de segurança.

“Até logo”, respondeu o sr. Poe, “e boa sorte para vocês. Pensarei nos Baudelaire sempre que puder.”

O sr. Poe deu algum dinheiro ao motorista do táxi, e se despediu das três crianças com um gesto enquanto o carro se afastava do cais para

enveredar por uma rua cinzenta de paralelepípedos. Havia uma pequena mercearia com barris de limas e beterrabas do lado de fora. Havia uma loja de roupas chamada Veja Só! É O Seu Tamanho! que parecia estar em reforma. Havia um restaurante de aparência horrível chamado Palhaço Ansioso, com luzes de néon e balões na janela. Mas, sobretudo, havia um grande número de lojas fechadas, com tábuas ou grades de metal nas portas e janelas.

“A cidade não parece muito povoada”, observou Klaus. “E eu, que esperava que fizéssemos novos amigos aqui.”

“Estamos fora da temporada”, disse o taxista. Era um sujeito magrinho com um cigarro magrinho pendurado na boca, e falava com as crianças olhando-as pelo retrovisor. “A cidade do Lago Lacrimoso é uma estação de veraneio, e na temporada isto aqui

fica repleto. Nesta época, no entanto, é tudo parado, não se vê viva alma. Para fazer amigos, vocês vão ter que esperar o tempo melhorar. Por falar nisso, o Furacão Hermano está sendo esperado na cidade para daqui a uma semana, por aí. Tratem de providenciar para que haja comida suficiente lá no alto, na casa de vocês.”

“Um furacão num lago?”, perguntou Klaus. “Pensei que só houvesse furacões perto do oceano.”

“Numa massa d’água tão vasta como o Lago Lacrimoso”, disse o motorista, “tudo pode acontecer. Para dizer a verdade, eu ficaria um pouco preocupado de morar no alto deste morro. Quando a tempestade chegar, vai ser muito difícil para um carro descer este caminho todo até a cidade.”

Violet, Klaus e Sunny olharam pela janela e entenderam o que o motorista quisera dizer com “descer este caminho todo”. O táxi tinha dobrado uma última curva e chegara ao estreito topo de um morro bem, bem alto, e as crianças puderam ver como

a cidade ficava bem, bem longe, lá embaixo: a rua de paralelepípedos que avançava em volteios ao redor das construções mais parecia uma minúscula cobrinha cinzenta, e o Cais de Dâmocles, um pequeno quadrado com pontinhos — as pessoas — se movendo em torno. E, no espaço além do cais, estava a bolha escura que era o Lago Lacrimoso, bolha colossal e negra, como se um monstro se erguesse acima dos três órfãos, projetando sobre eles uma sombra gigantesca. Por alguns instantes as crianças olharam fixo para o lago, como se hipnotizadas pela enorme mancha na paisagem.

“O lago é tão enorme”, disse Klaus, “e parece tão profundo. Eu quase consigo entender por que tia Josephine tem medo dele.”

“A senhora que mora aqui em cima”, perguntou o taxista, “tem medo do lago?”

“Foi o que nos disseram”, disse Violet.

O taxista balançou a cabeça e freou o carro. “Não sei como ela agüenta, então.”

“Como assim?”, perguntou Violet.

“Vocês querem dizer que nunca estiveram nesta casa?”, perguntou ele.

“Não, nunca”, respondeu Klaus. “Nós nem sequer conhecemos tia Josephine.”

“Bem, se sua tia Josephine tem medo da água”, disse o taxista, “não acredito que ela more aqui nesta casa.”

“O que o senhor quer dizer com isso?”, perguntou Klaus.

“Bem, dê uma olhada”, respondeu o motorista, e saiu do táxi.

Os Baudelaire deram uma olhada. De início, os três garotos viram apenas algo semelhante a uma caixinha quadrada que tinha uma porta branca com a pintura descascando e que parecia ser um pouco maior do que o táxi que os levara até ali. Mas quando saíram do carro e se aproximaram da construção, viram que a caixinha quadrada era a única parte da casa situada no cume do morro. O resto dela — uma grande pilha de caixas quadradas grudadas umas nas outras como cubos de gelo — pendia das encostas, prendendo-se no morro por estacas metálicas que eram como patas de aranha. Ao olhar para seu novo lar, os três órfãos tiveram a impressão de que a casa inteira se agarrava ao morro como se ele fosse uma tábua de salvação.

O motorista do táxi tirou a bagagem deles do porta-malas, depositou-a diante da porta branca com a pintura descascando, e desceu o morro com seu carro, dando um toque na buzina para se despedir. Houve um rangido suave quando a porta branca com a pintura descascando se abriu, e de trás da porta surgiu uma mulher pálida com os cabelos brancos presos num coque no alto da cabeça.

“Olá”, disse ela, sorrindo contidamente. “Sou sua tia Josephine.”

“Olá”, disse Violet, cautelosa, e deu um passo em direção a sua nova tutora. Klaus, logo atrás dela, também deu um passo, e Sunny, logo atrás dele, engatinhou para a tia, mas os três Baudelaire caminhavam com o máximo cuidado, como se seu peso fosse capaz de romper o precário equilíbrio da casa, fazendo-a despencar. Os órfãos não conseguiam deixar de pensar como uma mulher que tinha tanto medo do Lago Lacrimoso suportava viver numa casa que parecia prestes a se lançar em suas profundezas.



## CAPÍTULO DOIS

“Este é o aquecedor”, disse tia Josephine, apontando com um dedo pálido e magricela para um aquecedor. “Por favor, nem cheguem perto. Pode ser que vocês sintam muito frio aqui dentro de casa. Eu nunca ligo o aquecedor porque tenho medo de que aconteça uma explosão, de modo que de noite, às vezes, fica meio gelado.”

Violet e Klaus se entreolharam por um breve instante, e Sunny olhou para os dois. Tia Josephine estava mostrando para eles sua nova casa, e a impressão que dava era de que tinha medo de tudo lá dentro, desde o capacho da entrada — no qual, tia Josephine explicou, alguém podia tropeçar, e em seguida levar um tombo e quebrar o pescoço — até o sofá na sala de estar, que, segundo ela, podia cair para trás e jogá-los no chão.

“Este é o telefone”, disse tia Josephine, indicando com um gesto o telefone. “É para ser usado somente em emergências, porque a pessoa que o usa corre o risco de ser eletrocutada.”

“Eu li muito sobre eletricidade”, disse Klaus. “E tenho certeza absoluta de que o telefone é perfeitamente seguro.”

As mãos de tia Josephine se agitaram em torno dos cabelos como se alguma coisa tivesse saltado sobre sua cabeça. “Não dá para acreditar em

tudo o que se lê”, observou ela.

“Eu montei um telefone inteirinho, peça por peça”, disse Violet. “Se você quiser, posso desmontar o seu telefone e lhe mostrar como ele funciona. Talvez com isso você se sinta mais tranqüila.”

“Não sei não”, disse tia Josephine, franzindo a testa.

“Delmo!”, exclamou Sunny, o que provavelmente significava: “Se quiser, eu mordo o telefone para provar que é inofensivo”, ou algo do gênero.

“Delmo?”, perguntou tia Josephine, curvando-se para apanhar um fiapo de tecido no desbotado tapete decorado com motivos florais. “O que você quer dizer com 'delmo'? Considero-me uma especialista em nossa língua e não faço idéia do que signifique a palavra delmo. Ela está falando alguma outra língua?”

“É que Sunny ainda não fala fluentemente”, disse Klaus, pegando a irmãzinha no colo. “A maior parte do que diz é em língua de bebê.”

“Grum!”, gritou Sunny, o que queria dizer mais ou menos: “Protesto! Você não tem o direito de chamar a minha fala de língua de bebê!”.

“Bem, eu vou ter que ensinar a ela o idioma correto”, disse tia Josephine em tom severo. “Tenho certeza de que todos vocês estão precisando dar uma retocada na sua gramática, forçosamente. A gramática é a maior alegria da vida, não acham?”

Os três irmãos se entreolharam. Era mais provável que Violet achasse que a maior alegria da vida era inventar, Klaus diria que era ler, e Sunny, é claro, não sabia de prazer maior que o de morder coisas. O que os Baudelaire pensavam sobre gramática — todas aquelas regras sobre como escrever e falar a língua — era o mesmo que pensavam sobre, por exemplo, pudim de pão: legal, mas nada que merecesse muito estardalhaço. De qualquer modo, seria uma grosseria contradizer tia Josephine.

“Sim”, disse Violet, finalmente. “Nós sempre adoramos gramática.”

Tia Josephine assentiu com a cabeça e deu um sorrisinho para os Baudelaire. “Bem, vou levá-los para o seu quarto, e percorreremos o resto da casa após o jantar. Quando forem abrir a porta, basta que dêem um empurrãozinho na madeira, aqui. Nunca usem a maçaneta. Sempre fico com medo de que ela se parta em milhões de pedaços e um deles atinja o meu olho.”

Os Baudelaire começavam a achar que não lhes seria permitido tocar em nenhum dos objetos da casa, mas sorriram para tia Josephine, empurraram a madeira, e a porta se abriu, revelando um quarto espaçoso e bem iluminado, com paredes brancas e um tapete liso azul no chão. Dentro havia duas camas de bom tamanho e um berço também de bom tamanho, obviamente para Sunny, cobertos, cada qual, por uma colcha lisa azul, e ao pé de cada cama havia um baú para guardar objetos pessoais. No outro extremo do quarto, havia um armário grande para as roupas de todos eles, uma janelinha para olhar para fora e uma pilha não muito grande de latas sem finalidade aparente.

“Sinto muito que vocês três tenham que partilhar o quarto”, disse tia Josephine, “mas esta casa não é das maiores. Fiz o possível para provê-los de tudo o que pudessem necessitar, e espero sinceramente que se sintam bem instalados.”

“Tenho certeza que sim”, disse Violet, levando sua mala para o quarto. “Muito obrigada, tia Josephine.”

“Dentro de cada baú”, disse tia Josephine, “há um presente.”

Presentes? Os Baudelaire não recebiam presentes fazia muito, muito tempo. Sorrindo, tia Josephine foi até o primeiro baú e o abriu. “Para Violet”, disse, “uma bela boneca com sua coleção de roupas e adereços.” Tia Josephine puxou do fundo do baú uma boneca de plástico com boquinha pequena e olhos desmesuradamente abertos. “Não é adorável? Chama-se Perfeita Fortuna.”

“Oh, obrigada”, disse Violet, que, aos catorze anos, tinha passado da idade de brincar com bonecas e que, aliás, nunca fora muito ligada em bonecas. Com um sorriso forçado, pegou Perfeita Fortuna dos braços de tia Josephine e acariciou sua cabecinha de plástico.

“E para Klaus”, disse tia Josephine, “um trem de montar.” Abriu o segundo baú e tirou dali um trenzinho em miniatura. “Você pode armar os trilhos naquele canto vazio do quarto.”

“Que divertido”, disse Klaus, tentando parecer fascinado. Klaus nunca se interessara por trens de montar, por causa do trabalho que dava juntar todas as partes e que, no fim, era compensado apenas por uma coisa que dava voltas e mais voltas em círculos intermináveis.

“E para a pequena Sunny”, disse tia Josephine, procurando com o braço esticado dentro do baú menor, que ficava ao pé do berço, “um chocalho. Veja, Sunny, faz um barulhinho.”

Sunny sorriu para tia Josephine, mostrando os quatro dentes afiados, mas seus irmãos mais velhos sabiam que Sunny desprezava chocalhos e os sons irritantes que eles produziam ao ser agitados. Sunny havia recebido de presente um chocalho quando era bem pequena, e foi a única coisa que ela não lamentou ter perdido no incêndio devastador que destruiu a casa dos Baudelaire.

“Você é tão generosa”, disse Violet, “em nos dar todas essas coisas.” Porque era bem-educada, não acrescentou que aquelas coisas estavam longe de ser do agrado deles.

“Bem, estou muito feliz por tê-los aqui”, disse tia Josephine. “Tenho um amor tão grande pela gramática! Fico radiante de poder partilhar meu amor pela gramática com três crianças tão interessantes como vocês. Bem, vocês dispõem de alguns minutos para se instalar e depois vamos jantar. Até daqui a pouco.”

“Tia Josephine”, perguntou Klaus, “essas latas servem para quê?”

“Essas latas? Para assaltantes, naturalmente”, disse tia Josephine, ajeitando o coque no alto da cabeça. “Vocês devem ter tanto medo de

assaltantes quanto eu. Assim, é só pôr essas latas bem perto da porta, todas as noites, que os assaltantes, ao entrar, vão tropeçar nas latas e vocês vão acordar.”

“E o que vamos fazer, quando acordarmos num quarto com um assaltante furioso?”, perguntou Violet. “Eu preferiria dormir durante o assalto.”

Tia Josephine esgazeou os olhos de medo. “Assaltantes furiosos?”, repetiu ela. “Assaltantes furiosos? Por que você está falando em assaltantes furiosos? Está tentando apavorar mais ainda todos nós?”

“Claro que não”, gaguejou Violet, sem sequer mencionar que tia Josephine é que havia puxado o assunto. “Desculpe-me. Não tive intenção de apavorá-la.”

“Bom, nem mais uma palavra sobre isso”, disse tia Josephine, olhando nervosamente para as latas como se um assaltante estivesse tropeçando nelas naquele exato momento. “Vejo-os no jantar daqui a alguns minutos.”

A nova tutora fechou a porta, e os órfãos Baudelaire ouviram seus passos se afastando rapidamente no corredor antes de eles falarem.

“Sunny pode ficar com Perfeita Fortuna”, disse Violet, passando a boneca para a irmã. “O plástico é duro o bastante para ser mordido, acho eu.”

“E você pode ficar com o trem de montar, Violet”, disse Klaus. “Talvez você possa aproveitar as locomotivas e inventar alguma coisa.”

“Mas aí a única coisa que sobra para você é o chocalho”, disse Violet. “Não me parece justo.”

“Chu!”, gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: “Faz muito tempo que nada em nossas vidas tem sabor de justiça”.

Os Baudelaire se entreolharam com sorrisos amargos. Sunny tinha razão. Não era justo que seus pais tivessem sido arrebatados deles. Não era justo que o perverso e revoltante conde Olaf os perseguisse aonde quer que fossem, movido unicamente pelo interesse em sua fortuna. Não era justo que eles se mudassem da casa de um parente para a de outro, com coisas terríveis acontecendo em cada um de seus novos lares, como se os Baudelaire viajassem em algum ônibus macabro que só parasse em estações de injustiça e desgraça. E, é claro, certamente não era justo que Klaus só tivesse um chocalho para brincar em sua nova casa.

“Tia Josephine deve ter feito um esforço danado para preparar este quarto para nós”, disse Violet com tristeza. “Ela parece ser uma boa pessoa. Não deveríamos nos queixar, nem mesmo entre nós.”

“Certo, Violet”, disse Klaus, pegando seu chocalho e agitando-o sem muita convicção. “Não deveríamos nos queixar.”

“Tuí!”, gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: “Vocês dois têm razão. Não deveríamos nos queixar”.

Klaus foi até a janela e olhou para a paisagem; escurecia. O sol se punha nas sombrias profundezas do Lago Lacrimoso, e um frio vento noturno começava a soprar. Mesmo estando do lado protegido da vidraça,

Klaus se sentiu tomado por um calafrio. “Quero me queixar, não importa!”, disse.

“O jantar está pronto!”, disse tia Josephine, chamando-os da cozinha. “Por favor, venham para a mesa!”

Violet pousou a mão no ombro de Klaus e lhe deu um apertãozinho em sinal de consolo; sem dizer mais nada, os três Baudelaire percorreram de volta o corredor e foram para a sala de jantar. Tia Josephine arrumara a mesa para quatro, providenciando um almofadão para Sunny e outra pilha de latas no canto da sala, para o caso de assaltantes tentarem roubar o jantar deles.

“Hoje teremos sopa”, disse tia Josephine.

“Ótimo!”, exclamou Violet. “Nada como uma sopa bem quentinha numa noite gelada.”

“Na verdade, não é uma sopa quente”, disse tia Josephine. “Nunca preparo nada quente porque tenho medo de acender o fogão; ele pode explodir e pegar fogo. Fiz um caldo frio de pepinos.”

Os Baudelaire se entreolharam e tentaram disfarçar sua decepção. Como vocês provavelmente sabem, caldo frio de pepinos é um prato que cai muito bem num dia de extremo calor. Eu mesmo adorei uma vez em que tomei esse caldo no Egito, quando visitei um amigo que trabalha como encantador de serpentes. Se bem preparado, o caldo frio de pepinos tem um delicioso sabor de menta, que refresca como se fosse uma bebida. Mas num dia de temperatura baixa, numa sala varrida por correntes de ar, o efeito era tal qual o de um enxame de vespas empestando uma festa de aniversário. As três crianças, em silêncio mortal, permaneceram sentadas à mesa com tia Josephine e se esforçaram ao máximo para empurrar goela abaixo a receita fria e viscosa. O único som era o dos quatro dentes de Sunny trepidando na colher de sopa enquanto ela tomava o jantar gélido. Como vocês bem sabem, quando ninguém fala à mesa de jantar, a refeição parece durar horas, e, por assim dizer, uma eternidade de tempo havia passado quando tia Josephine finalmente rompeu o silêncio.

“Meu adorado marido e eu nunca tivemos filhos”, disse ela, “porque era uma idéia que nos dava medo. Mas quero que saibam que fico muito feliz por vocês estarem aqui. Às vezes me sinto muito só no alto deste morro sem nenhuma companhia, e quando o sr. Poe me escreveu contando os desgostos por que vocês passaram, desejei que não se sentissem tão sós como eu me senti quando perdi meu adorado Belo.”

“O nome do seu marido era Belo?”, perguntou Violet.

Tia Josephine sorriu, mas não olhava para Violet; era como se falasse mais para si própria do que para os Baudelaire. “Sim”, disse com uma voz distante. “Belo era meu marido, mas era muito mais que isso. Era o meu melhor amigo, meu parceiro na gramática, e a única pessoa que conheci capaz de assobiar com bolachas na boca.”

“Nossa mãe sabia fazer isso”, disse Klaus, sorrindo. “Sua especialidade era a Sinfonia nº 14 de Mo-zart.”

“A de Belo era o Quarteto nº 4 de Beethoven”, replicou tia Josephine. “Pelo visto, é uma característica da família.”

“Pena que nós não o conhecemos”, disse Violet. “Parece que era uma pessoa maravilhosa.”

“Ele era maravilhoso”, disse tia Josephine, mexendo sua sopa e soprando-a apesar de estar gelada. “Fiquei tão triste quando ele morreu. Tive a sensação de

perder as duas coisas mais especiais da minha vida.”

“Duas?”, perguntou Violet. “Como assim?”

“Perdi Belo”, disse tia Josephine, “e perdi o Lago Lacrimoso. Quer dizer, claro que não perdi realmente o lago. Ele continua lá embaixo, no vale. Mas cresci nas suas margens, costumava nadar ali todos os dias. Sabia quais praias eram arenosas e quais eram rochosas. Conhecia todas as ilhas em meio às suas águas e todas as grutas ao longo de suas margens. Era como se o Lago Lacrimoso fosse um amigo meu. Mas quando arrebatou Belo de mim, senti muito medo de me aproximar dele novamente. Parei de nadar. Nunca mais voltei à praia. Cheguei até a evitar os livros que tratavam do lago. O único lugar de onde suporto olhar para ele é a janela ampla da biblioteca.”

“Biblioteca?”, perguntou Klaus, animando-se. “Você tem uma biblioteca?”

“Claro”, disse tia Josephine. “Onde mais poderia guardar todos os meus livros de gramática? Se todos acabaram de tomar a sopa, vou mostrá-lhes a biblioteca.”

“Não consigo tomar nem mais uma colherada”, disse Violet, sem faltar à verdade.

“Irm!”, gritou Sunny, concordando.

“Não, não, Sunny”, disse tia Josephine. “Irm' não é gramaticalmente correto. O que você quer dizer é: 'Eu também terminei minha sopa!'.”

“Irm”, insistiu Sunny.

“Minha nossa, você de fato precisa de umas aulas de gramática”, disse tia Josephine. “Mais uma razão para irmos à biblioteca. Vamos, crianças.”

Deixando para trás suas tigelas cheias pela metade, os Baudelaire seguiram tia Josephine pelo corredor, tendo o cuidado de não tocar em nenhuma das maçanetas pelas quais passavam. No final do corredor, tia Josephine se deteve e abriu uma porta que parecia das mais comuns, mas quando as crianças a transpuseram, entraram numa sala que era tudo menos comum.

A biblioteca não era quadrada nem retangular, como a maioria das salas, mas curva, num formato oval. Uma das paredes dessa sala oval estava dedicada a livros — fileiras e fileiras e fileiras deles, e não havia um só que não fosse de gramática. Havia uma enciclopédia de substantivos colocada

numa série de estantes simples de madeira, curvas para se amoldar à parede. Havia volumes muito grossos sobre a história dos verbos, alinhados numa estante metálica que brilhava de tão bem polida. E havia estantes envidraçadas que continham manuais de adjetivos dispostos como se estivessem à venda na vitrine de uma loja e não na casa de alguém. No meio da sala achavam-se poltronas de aparência muito confortável, cada qual com seu respectivo pufe, de modo a permitir que a pessoa esticasse as pernas enquanto lia.

Mas foi a outra parede, ao fundo da sala oval, que despertou a atenção das crianças. Do chão ao teto a parede era uma janela, uma enorme vidraça em curva, e, além da vidraça, tinha-se uma vista espetacular do Lago Lacrimoso. Quando as crianças avançaram para ver mais de perto, sentiram-se como se estivessem voando muito acima do lago, e não apenas olhando para ele de dentro da casa.

“Este é o único lugar de onde suporto olhar para o lago”, disse tia Josephine em voz baixa. “Daqui, de longe. Se chego muito mais perto, lembro-me do último piquenique na praia com meu adorado Belo. Avisei-o de que devia esperar uma hora depois de comer para entrar no lago, mas ele só esperou quarenta e cinco minutos. Achou que era o suficiente.”

“Ele teve câibras?”, perguntou Klaus. “É o que pode acontecer quando não se espera uma hora para nadar.”

“Esse é um dos riscos”, disse tia Josephine, “mas no Lago Lacrimoso há outro. Se você não espera uma hora depois de comer, as sanguessugas do lago sentem o cheiro da comida em você e atacam.”

“Sanguessugas?”, perguntou Violet.

“Sanguessugas”, explicou Klaus, “são algo assim como vermes. São cegas, vivem em meios aquáticos, e para se alimentar, grudam-se na pessoa e sugam seu sangue.”

Violet estremeceu. “Que horrível.”

“Suó!”, gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: “Por que cargas-d’água alguém iria nadar num lago repleto de sanguessugas?”

“As sanguessugas do Lago Lacrimoso”, disse tia Josephine, “são muito diferentes das sanguessugas comuns. Cada uma tem seis fileiras de dentes muito afiados, e um nariz com olfato apuradíssimo — conseguem sentir a presença de um pedacinho de comida a grandes distâncias. As sanguessugas do lago são em geral bastante inofensivas, atacando somente peixes miúdos. Mas se elas sentem cheiro de comida num humano, juntam-se em volta dele e... e...” Os olhos de tia Josephine se encheram de lágrimas; ela puxou um lenço rosa-claro e as enxugou. “Desculpem-me, crianças. Não é gramaticalmente correto terminar uma frase com a palavra e, mas fico tão transtornada quando penso em Belo que não consigo falar na morte dele.”

“Sentimos muito ter puxado o assunto”, disse Klaus na mesma hora. “Não era nossa intenção transtorná-la.”

“Tudo bem”, disse tia Josephine, assoando o nariz. “Só que eu prefiro pensar em Belo de outras maneiras. Belo sempre adorou os raios do sol, e eu gosto de imaginar que onde ele está agora, seja onde for, é o lugar mais ensolarado possível. É claro que ninguém sabe o que acontece conosco depois que morremos, mas é lindo

pensar que o meu marido está num lugar muito, muito quente, vocês não acham?”

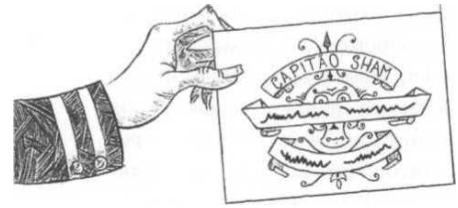
“Eu acho sim”, disse Violet. “É lindo, sem dúvida nenhuma.” Ela ia dizer mais alguma coisa para tia Josephine, mas engoliu em seco: quando acabamos de conhecer alguém, é difícil saber o que essa pessoa gostaria de ouvir. “Tia Josephine”, disse ela timidamente, “você já pensou em se mudar para algum outro lugar? Se você morasse longe do Lago Lacrimoso, quem sabe não se sentiria melhor?”

“Nós iríamos com você”, disse Klaus de repente.

“Oh, eu jamais conseguiria vender esta casa”, disse tia Josephine. “Morro de medo de corretores.”

Os três jovens Baudelaire se entreolharam sub-repticiamente, palavra que aqui significa “enquanto tia Josephine não estava olhando”. Nenhum deles nunca ouvira falar de alguém que tivesse medo de corretores.

Há dois tipos de medo: racional e irracional — ou, em termos mais simples, medos que têm sentido e medos que não têm sentido. Por exemplo, o medo que os órfãos Baudelaire sentem do conde Olaf tem todo o sentido, porque ele é um homem perverso que quer destruí-los. Mas se eles tivessem medo de torta de limão, esse seria um medo irracional, porque torta de limão é uma delícia e nunca feriu ninguém. Ter medo de que haja um monstro debaixo da cama é perfeitamente racional, porque de fato um monstro pode ir parar um dia debaixo da sua cama e estar pronto para devorá-lo, mas ter medo de corretores é um medo irracional. Corretores, como vocês bem sabem, são pessoas que dão assistência na compra e venda de casas. Além de às vezes se apresentar com um feio paletó amarelo, um corretor pode, na pior das hipóteses, mostrar-lhe uma casa de que você não goste, de modo que é inteiramente irracional morrer de medo de corretores. Enquanto Violet, Klaus e Sunny olhavam para o lago escuro e pensavam em sua nova vida com tia Josephine, sentiram-se invadidos, eles próprios, por um certo medo, e mesmo para um especialista mundial em medo seria difícil determinar se esse era um medo racional ou irracional. O medo dos Baudelaire era que a desgraça não tardaria a atingi-los. Por um lado, esse era um medo irracional, uma vez que tia Josephine parecia uma boa pessoa e o conde Olaf não estava visível em parte alguma. Mas, por outro, os Baudelaire haviam passado por tantas coisas terríveis que parecia racional pensar que outra catástrofe estava a caminho.



## CAPÍTULO TRÊS

Há uma maneira de olhar a vida que consiste em “considerar as coisas de uma perspectiva determinada”. Isso significa simplesmente “sentir-se melhor ao comparar o que está acontecendo a você neste momento com outras coisas que aconteceram numa época diferente ou a pessoas diferentes”. Por exemplo, se você estivesse aborrecido por causa de uma espinha medonha que surgiu na ponta do seu nariz, poderia tentar se sentir melhor examinando sua espinha de uma perspectiva determinada. Você poderia comparar o seu sofrimento por causa da espinha com o de alguém que estivesse sendo comido por um urso, e quando você olhasse no espelho para sua espinha medonha, poderia dizer a si próprio: “Bem, pelo menos não estou sendo comido por um urso”.

Não é preciso grande esforço para perceber que considerar as coisas de uma perspectiva determinada é algo que raramente funciona cem por cento, porque é difícil se concentrar em alguma outra pessoa sendo comida por um urso quando se está de olho na própria espinha medonha. E foi o que aconteceu com os órfãos Baudelaire nos dias que se seguiram. De manhã, quando as crianças se reuniam com tia Josephine para a primeira refeição — suco de laranja e pão sem torrar —, Violet pensava: “Bem, pelo menos não estamos sendo forçados a cozinhar para a repulsiva companhia teatral do conde Olaf”. À tarde, quando tia Josephine os levava para a biblioteca e lhes ensinava tudo sobre gramática, Klaus pensava: “Bem, pelo menos o conde Olaf não está prestes a nos carregar para o Peru”. E à noite, quando as crianças se reuniam com tia Josephine para o jantar — suco de laranja e pão sem torrar —, Sunny pensava: “Zax!”, que significava: “Bem, pelo menos não há sinal do conde Olaf em parte alguma!”, ou algo do gênero.

Mas, por mais que os três irmãos comparassem a vida na casa de tia Josephine com os tristes episódios por que haviam passado, não podiam deixar de se sentir insatisfeitos com o que viviam. Nas horas livres, Violet desmontava engrenagens e interruptores do trem de brinquedo, na esperança de inventar algo que permitisse preparar comida quente sem causar medo a tia Josephine, mas nem por isso deixava de desejar que tia Josephine simplesmente acendesse o fogão. Klaus ficava sentado numa das poltronas da biblioteca, com os pés no pufe, lendo sobre gramática até o sol se pôr, mas quando olhava para o lago melancólico, não tinha como afastar o desejo de que ainda estivessem morando com o tio Monty e todos os seus

répteis. E Sunny saía da rotina mordendo a cabeça da boneca Perfeita Fortuna, mas, mesmo assim, não conseguia deixar de desejar que seus pais ainda estivessem vivos, e que ela e os irmãos estivessem sãos e salvos no lar dos Baudelaire.

Tia Josephine não gostava muito de sair de casa, tantas eram as coisas lá fora que a amedrontavam, mas um dia as crianças lhe contaram o que o taxista havia dito sobre a aproximação do Furacão Hermano, e ela concordou em levá-los à cidade para comprar mantimentos. Tia Josephine tinha medo de andar de carro porque as portas podiam emperrar, deixando-a presa lá dentro. Assim, eles tiveram que descer todo o morro a pé. Quando chegaram ao mercado, suas pernas estavam doloridas por causa da caminhada.

“Tem certeza que não nos deixa cozinhar para você?”, perguntou Violet, quando tia Josephine chegou perto do barril de limas. “Quando morávamos com o conde Olaf, aprendemos a fazer molho puttanesca. Era muito fácil e absolutamente seguro.”

Tia Josephine balançou a cabeça. “Como sua tutora, é minha responsabilidade cozinhar para vocês, e estou ansiosa para experimentar uma receita de caldo frio de limas. O conde Olaf me parece muito perverso. Imaginem só, forçar crianças a ficarem junto de um fogão!”

“Ele foi muito cruel conosco”, concordou Klaus, sem acrescentar que ser forçados a cozinhar havia sido o menor de seus problemas quando moraram com o conde Olaf. “As vezes ainda tenho pesadelos com a terrível tatuagem no seu tornozelo. Sempre me deu medo.”

Tia Josephine franziu a testa e ajeitou o coque. “Você cometeu um erro gramatical, Klaus”, disse em tom severo. “Ao dizer: 'Sempre me deu medo', pareceu querer dizer que o tornozelo dele sempre lhe deu medo, mas você estava se referindo à tatuagem. Então, deveria ter dito: 'A tatuagem sempre me deu medo'. Entendeu?”

“Entendi sim”, disse Klaus com um suspiro. “Obrigado por ter assinalado isso, tia Josephine.”

“Nicu!”, gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: “Não foi legal ter apontado o erro gramatical de Klaus quando ele falava de uma coisa que o afligia”.

“Não, não, Sunny”, disse tia Josephine com firmeza, erguendo os olhos de sua lista de compras. “Nicu' não é uma palavra. Lembre-se do que dissemos sobre falar corretamente o idioma. Violet, por favor, pegue alguns pepinos. Estou pensando em repetir o caldo frio de pepinos na próxima semana.”

Violet resmungou interiormente — frase que aqui quer dizer “não disse nada, mas se sentiu decepcionada ante a perspectiva de outro jantar gelado” —, mas sorriu para tia Josephine e saiu caminhando pelo mercado à procura dos pepinos. Olhou muito desejosa para todos os alimentos deliciosos nas prateleiras, os quais exigiam que se acendesse o fogão para prepará-los. Violet tinha a esperança de um dia poder fazer uma boa

refeição quente para tia Josephine e os irmãos, usando a invenção em que trabalhava com as peças do trem de montar. Por alguns momentos ficou tão entregue aos seus pensamentos de inventora que nem olhou por onde andava, até esbarrar em alguém.

“Desc...”, começou Violet a dizer, mas quando ergueu os olhos, não conseguiu terminar a frase. Diante dela estava um homem alto e magro, com um gorro azul de marinheiro na cabeça e uma venda negra cobrindo o olho esquerdo. Sorria encantado para ela, como se ela fosse um presente de aniversário envolto numa embalagem luxuosa que ele se continha para não rasgar. Seus dedos eram compridos e ossudos, e ele estava meio desajeitadamente tombado para um lado, um pouco como a casa de tia Josephine, que se equilibrava no alto do morro. Ao olhar para baixo, Violet entendeu por quê: havia um grosso bloco de madeira no lugar onde deveria estar sua perna esquerda, e, como a maioria dos que usam perna de pau, o homem se apoiava na perna boa, o que o levava a se inclinar. Mas embora Violet jamais tivesse visto alguém com uma perna de pau, não foi por isso que ela não conseguiu terminar a frase. O motivo se relacionava com algo que ela já tinha visto — o brilho intenso, muito intenso, no único olho daquele homem, e, acima do olho, uma única sobrancelha comprida.

Quando o disfarce de alguém não é muito bom, pode-se descrevê-lo como um disfarce transparente. Isso não quer dizer que a pessoa esteja usando material (vidro, plástico) transparente. Significa apenas que os outros conseguem ver através do disfarce — ou seja, o disfarce não os engana nem sequer por um instante. Violet não se deixou enganar nem mesmo por um segundo ao erguer os olhos para o homem em quem esbarrara. Ela percebeu na mesma hora que era o conde Olaf.

“Violet, o que você está fazendo neste setor?”, disse tia Josephine atrás dela. “Este setor é o de alimentos que precisam ser aquecidos, e como você sabe...” Quando ela viu o conde Olaf, parou de falar, e por um momento Violet pensou que tia Josephine o havia reconhecido também. Mas tia Josephine sorriu, e as esperanças de Violet ficaram em franga-lhos, expressão que quer dizer “se despedaçaram”.

“Olá”, disse o conde Olaf, sorrindo para tia Josephine. “Eu estava justamente me desculpando de ter esbarrado em sua irmã.”

O rosto de tia Josephine enrubesceu vivamente, o rubor parecendo ainda mais intenso por causa dos cabelos brancos. “Oh, não”, disse ela, enquanto Klaus e Sunny se aproximavam para ver o que estava acontecendo. “Violet não é minha irmã, senhor. Sou sua tutora legal.”

O conde Olaf levou uma das mãos ao rosto, como se tia Josephine tivesse acabado de lhe dizer que era a rainha de Sabá. “Não posso acreditar”, disse ele. “A senhora não parece ter idade para ser tutora de ninguém.”

Tia Josephine corou novamente. “Bem, caro senhor, vivi a vida inteira à beira do lago, e algumas pessoas me disseram que isso me mantém jovem.”

“Ficaria muito feliz de travar relações com uma personagem do lugar”, disse o conde Olaf, tocando com a ponta dos dedos o seu gorro azul de marinheiro e usando tolamente uma palavra que aqui significa “pessoa”. “Sou novo na cidade e estou justamente começando um novo negócio, de forma que desejo muito travar novas relações. Permita-me que me apresente.”

“Klaus e eu temos o maior prazer de apresentá-lo”, disse Violet, com mais coragem do que eu teria se me visse novamente cara a cara com o conde Olaf. “Tia Josephine, este é o conde...”

“Não, não, Violet”, interrompeu tia Josephine. “Observe a sua gramática. Você deveria ter dito: 'Klaus e eu teremos o maior prazer de apresentá-lo', porque vocês ainda não o apresentaram.”

“Mas...”, começou Violet a dizer.

“Escute aqui, Verônica”, disse o conde Olaf, com seu olho único brilhando intensamente quando ele olhou para ela. “Sua tutora tem razão. E antes que você cometa outros enganos, permita-me que me apresente. Meu nome é capitão Sham, e estou à frente de um novo negócio: alugo barcos no Cais de Dâmocles. Prazer em conhecê-la, senhorita...?”

“Sou Josephine Anwhistle”, disse tia Josephine. “E estes são Violet, Klaus e a pequena Sunny Baudelaire.”

“Pequena Sunny”, repetiu o capitão Sham, num tom que parecia que ele estava comendo Sunny em vez de estar cumprimentando-a. “É um prazer conhecer todos vocês. Quem sabe um dia não os levo para dar um passeiozinho de barco no lago?”

“Ging!”, gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: “Antes magra no mato do que gorda no papo do gato”.

“Nós não vamos a lugar nenhum com você”, disse Klaus.

Tia Josephine corou mais uma vez, e encarou com firmeza as três crianças. “As crianças parecem ter esquecido não só a gramática, mas também as boas maneiras”, disse. “Por favor, peçam desculpas ao capitão Sham, imediatamente.”

“Ele não é o capitão Sham”, disse Violet, já sem paciência. “Ele é o conde

Olaf.”

Tia Josephine prendeu a respiração, e olhou primeiro para os rostos ansiosos dos Baudelaire e depois para a fisionomia calma do capitão Sham. Ele tinha um sorriso estampado no rosto, mas esse sorriso se tornava menos confiante à medida que o farsante esperava para ver se tia Josephine percebia que ele era de fato o conde Olaf disfarçado.

Tia Josephine olhou para ele da cabeça aos pés, e franziu a testa. “O sr. Poe avisou-me que deveria ficar alerta para qualquer sinal da presença do conde Olaf”, disse finalmente, “mas disse também que vocês, crianças, tinham uma tendência a vê-lo em toda parte.”

“Nós o vemos em toda parte”, disse Klaus, aborrecido, “porque ele está em toda parte.”

“Quem é esse tal de conde Omar?”, perguntou o capitão Sham.

“O conde Olaf”, disse tia Josephine, “é um homem terrível que...”

“... está bem diante de nós”, concluiu Violet. “Pouco me importa o nome que ele dá a si mesmo. Ele tem os mesmos olhos brilhantes, a mesma sobrelha única...”

“Mas uma porção de gente tem essas características”, disse tia Josephine. “Meu Deus, minha sogra tem não apenas uma sobrelha única como também uma única orelha.”

“A tatuagem!”, disse Klaus. “Procure a tatuagem! O conde Olaf tem um olho tatuado no tornozelo esquerdo.”

O capitão Sham suspirou e, com dificuldade, ergueu a perna de pau para que todos pudessem vê-la com clareza. Era feita de madeira escura, envernizada para brilhar com a mesma intensidade que o seu olho, e fixada no joelho esquerdo por uma dobradiça curva de metal. “Mas eu nem sequer tenho um tornozelo esquerdo”, disse ele com voz queixosa. “As sanguessugas do lago o comeram.”

Os olhos de tia Josephine se encheram de lágrimas, e ela pousou uma das mãos no ombro do capitão Sham. “Oh, pobre homem”, disse, e no mesmo instante as crianças entenderam que estavam perdidas. “Vocês ouviram o que o capitão Sham disse?”, ela lhes perguntou.

Violet tentou mais uma vez, sabendo que provavelmente seria em vão. “Ele não é o capitão Sham”, disse. Ele é...

“Você não pode achar que ele permitiria que as sanguessugas do lago comessem sua perna”, disse tia Josephine, “só para pregar uma peça em vocês. Conte-nos, capitão Sham. Conte-nos como foi que aconteceu.”

“Bem, eu estava sentado no meu barco, poucas semanas atrás”, disse o capitão Sham. “Comia macarrão à puttanesca, e deixei cair um pouco em minha perna. Antes que eu percebesse o que acontecera, as sanguessugas se lançaram ao ataque.”

“Exatamente como aconteceu ao meu marido”, disse tia Josephine, mordendo o lábio. Os Baudelaire, todos os três, cerraram os punhos, frustrados. Sabiam que a história do capitão Sham sobre o molho puttanesca era tão falsa quanto o seu nome, mas não tinham como prová-lo.

“Olhe aqui”, disse o capitão Sham, tirando do bolso um cartãozinho e o estendendo a tia Josephine. “Fique com meu cartão, e a próxima vez que a senhora vier à cidade, quem sabe não tomamos uma xícara de chá?”

“Acho ótimo”, disse tia Josephine, lendo o cartão. “Barcos a vela do capitão Sham. Cada barco tem sua própria vela. Ah, capitão, há um erro muito grave aqui.”

“Quê?”, disse o capitão, erguendo a sobrelha.

“Neste cartão está escrito própria, em vez de própria. É um erro muito comum, mas pavoroso.”

O rosto do capitão Sham se ensombreceu, e por um instante pareceu que ele iria levantar sua perna de pau novamente e acertar um pontapé em

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "DS 03 - O Lago das Sanguessugas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).